

QUA26JUN

Quarta-feira
26 de Junho de 2019
Ano 44 • N.º 15669

Kz 45,00

Director: VÍCTOR SILVA
Director-Adjunto: CAETANO JÚNIOR

www.jornaldeangola.co.ao

Jornal de Angola

PUBLICIDADE

BIC SALÁRIO

O seu salário vai render do primeiro ao último dia do mês.



QUANDO A HISTÓRIA É BEM CONTADA O SUCESSO É CONSOLIDADO



43 anos de sucesso

Uma história feita por todos nós.



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

O desafio de Informar

A **Edições Novembro**, proprietária do *Jornal de Angola*, seu título principal, do Jornal dos Desportos, Economia & Finanças, Jornal Cultura e das publicações regionais Jornal Metropolitano de Luanda, Planalto e Ventos do Sul, assinala hoje 43 anos de existência, desde a sua fundação, em 1976. A empresa vive a maioria abraçada à cada vez mais difícil missão de servir o público com informação de qualidade. Um desafio que enfrenta obstáculos diários, que colocam

aos seus títulos aberrações que se conhecem, como a de qualquer um poder hoje arrogar-se ao direito de disseminar informação. Para tanto, bastará que se muna de um telemóvel e se ponha a filmar e disseminar o que quer que seja, sem avaliação prévia do que vai dar a ver ou ouvir.

Portanto, para os seus títulos, em particular o *Jornal de Angola*, o desafio de informar perdeu o tradicional concorrente, que acabou substituído pelas chamadas redes sociais

e por publicações digitais (e até impressas) de reputação duvidosa. São lugares cuja utilidade racional foi deixada para trás, servindo, nestes dias, sobretudo, como ponto de partida da desinformação.

Para este diário, o desafio é, pois, recuperar a confiança do leitor, fazendo-o acreditar que um jornalismo sóbrio e equilibrado ainda é a resposta a qualquer tentativa de "notícia" alicerçada na mentira e edificada no dolo, cujo propósito único é con-

fundir a cabeça dos leitores menos esclarecidos sobre os perigos da manipulação.

Tendo no seu guião parâmetros bem identificados, assentes, essencialmente, no respeito e na ética, este edifício de Imprensa tem procurado manter a tradição que o torna uma referência do jornalismo nacional, a ser guia a linhagem de profissionais que lhe preenchem o portfólio. Hoje, aos 43 anos, os quadros da casa sentem, também eles, o peso da responsabilidade, porque

reconhecem ser parte integrante de um espaço prestigiado, que devem manter e para cuja qualidade estão obrigados a dar o corpo e a alma.

Os quadros desta casa têm plena consciência do perigo que são as Fake News e manipulações no mesmo diapasão para a realidade das ocorrências, num contexto em que aos "factos alternativos", habilmente construídos, são conferidos requintes de verosimilhança. E ainda mais quando estão os próprios jornalistas entre quem

potencia a informação viciada. Por isso mesmo, o grupo Edições Novembro faz a aposta na formação técnica e em conhecimentos ligados à ética, à deontologia e ao Direito.

Acredita serem ferramentas úteis ao trabalho dos seus quadros, nestes tempos em que o Jornalismo e as empresas ligadas ao sector enfrentam os mais temíveis desafios, que vão, de certeza, vencer, porque têm do seu lado os leitores mais conscientes.

A REDACÇÃO

Uma marca que nos une

Oswaldo Gonçalves

Hoje, será, para muitos, difícil perceber o espírito dos verdadeiros cabouqueiros do Jornalismo angolano do pós-independência, seja na rádio, na televisão e, sobretudo, na imprensa. É assim difícil explicar como e porquê, a 26 de Junho de 1976, por ordem de Agostinho Neto, foi confiscada a Empresa Gráfica de Angola, S.A.R.L., proprietária do *Jornal de Angola*, então dirigido por um conselho de redacção, seguindo uma tentativa de resgate da cidadania, após largos anos sob o nome "A

Província de Angola", publicação criada em 1923 como semanário e tornada diário três anos depois, em 1926.

Se "A Província de -" foi pioneira na industrialização do Jornalismo em Angola, o *Jornal de Angola* afirmou-se durante longos anos como uma verdadeira escola da profissão no País, seguindo uma política de formação "on job" de que resultaram muitos quadros capazes, alguns dos quais são hoje referenciados na Comunicação Social angolana.

Nestes dias, torna-se de alguma forma natural



falar-se do *Jornal de Angola* e da empresa-mãe, a Edições Novembro, EP, esquecendo-se o caminho percorrido para se chegar até aqui. Podem fazê-lo os novos profissionais da casa, tomados pelas condições de trabalho agora existentes, mas dificilmente tal acontecerá com alguns dos mais antigos.

Fácil é acusar de saudosismo quem refira nomes como os de Mário Guerra, David Mestre, Manuel Dionísio, Orlando Bento, Mário Campos, Pires Ferreira, Paulo Pinha, Jorge Airoso ou do incontornável Armando Kangrima, mas a prova está na qualidade do texto produzido.

Às vezes, dá vontade de rir diante de certas evocações à chamada "lei da rolha" ou a uma hipotética "censura" por parte de quem, ou aprendeu a escrever agora, na Era das redes sociais, ou se recolheu com armas e bagagens para outras latitudes.

Na mesma forma que a "rolha" não impede a goteira, o "censurador" jamais conseguirá parar a poesia e a crónica, simplesmente porque não lhe pode alcançar. E o *Jornal de Angola*, além de espaços para isso, deu origem a novas publicações, todas sob a batuta da Edições Novembro, EP. Elas estão aí na rua, cada uma com identidade própria, feitas por gente que, sem parecer, pertence a uma mesma família. Tudo pela busca da isenção e do interesse público.

Para nós, se for preciso criar uma marca, ela será #Jornal de Angola.

PROFISSIONAIS QUEIXAM-SE DAS FONTES

Velhos males ensombram jornalismo

Nilza Massango

Poucos são os desafios que se assemelham ao de divulgar informação diária. Desde o momento em que se define o que buscar, para oferecer como notícia, artigo ou reportagem, até que o esboço vira matéria, pronta para consumo, é um processo que pode decepcionar, empolgar ou frustrar. Para uma melhor percepção das dificuldades encontradas pelos jornalistas ao longo da produção da informação, melhor é ouvi-los. O trabalho de recolha e tratamento da informação nem sempre é o que se espera, como o testemunham alguns jornalistas desta velha casa de imprensa.

Madalena José, 30 anos de casa

"Para mim, o mais difícil, no trabalho de informar, é o

facto de haver pouca abertura das fontes de informação. Muitas vezes, as fontes não se abrem, ou melhor, não falam. Fogem. Alguns dizem-te para regressar no dia seguinte, outros que estão ocupados. Alguns ainda pedem para ligar mais tarde e depois acabam por desligar o telefone. Esta tem sido a grande dificuldade e acaba por comprometer o nosso trabalho. Quando se tem um foco, não se consegue cumprir-lo, pois acabamos por dar um outro desenvolvimento ao mesmo, com outra fonte, por exemplo, que domine a mesma matéria. Sou jornalista há 30 anos no *Jornal de Angola* e admito que hoje já há uma ligeira mudança quanto ao acesso das fontes".

Adelina Inácio, 12 anos de casa

"Penso que a grande dificul-

"O mais difícil para mim, como jornalista, é o acesso às fontes de informação. Por exemplo, há matérias ou informações mais sensíveis e você tem de cruzar as fontes. Às vezes, de um lado, você tem acesso, do outro, já não tem. Quase sempre deparo-me com essa situação no decorrer do meu trabalho de recolha. De qualquer forma, há fontes que já têm uma certa confiança e conhecem o nosso trabalho.

dade é quando vais a uma actividade e dela quase ou nada retiras, porque a fonte não diz nada, o que se reflecte na altura da elaboração da notícia. Situações desta natureza já aconteceram por diversas vezes. Por exemplo, quando vou cobrir os debates parlamentares, na Assembleia Nacional, tudo é mais fácil, porque encontramos documentos. Os deputados falam bem e dão-te informação sem dificuldade

alguma. Mas há outras actividades em que não dizem nada e tu ficas sem saber o que informar. Quando você vai a uma actividade e não tem novidade, você acaba escrevendo o óbvio. Há 12 anos que trabalho no *Jornal de Angola*, como repórter, e tenho me deparado com esse tipo de situações. Muitas vezes, quando tens uma actividade num determinado Ministério, pensas em fugir ou reclamas, porque

sabes que lá é costume não haver informação. E quando tentas entrevistas, acabam por esgueirar-se. Há fontes que não nos conseguem dizer nada".

Fonseca Bengui, 17 anos de casa

"São várias fases, vários ângulos e cada fase tem as suas particularidades. Destacar no meio disso tudo, o que é mais difícil... Deixame ver. Enquanto editor, o trabalho é outro. A tarefa talvez seja pensar e elaborar pautas, editar textos que os colegas trazem. Nessa fase, não vejo assim tantas dificuldades. O mais difícil, acredito, foi na fase em que nós vivemos algumas limitações, não tanto explícitas, mas limitações que você sente que não pode ir até ali. Você tem alguma ideia, de uma pauta, de um trabalho, de uma reportagem, mas não

pode, porque há essa limitação em termos de abordagem de determinados assuntos. E isso limita a nossa liberdade enquanto jornalistas. Você se sente aflito, não realizado, enquanto profissional. Eu acredito que foi a parte mais difícil e isso aconteceu nos últimos 10 anos, creio que até 2017, em que o contexto mudou. De 2007, 2008, até 2017, vivemos essa fase nada boa, não só para mim, mas, acredita, também para muitos profissionais dessa casa. Foi uma fase em que o ambiente de liberdade foi restringido. De resto, são situações normais do dia-a-dia. Sou jornalista desde 1994/1995 e trabalho no *Jornal de Angola* desde 2002".

Rodrigues Cambala, 15 anos de casa

"O que torna difícil trabalhar como jornalista tem a difi-



Rodrigues Cambala



Adelina Inácio



Fonseca Bengui



Alberto Pegado



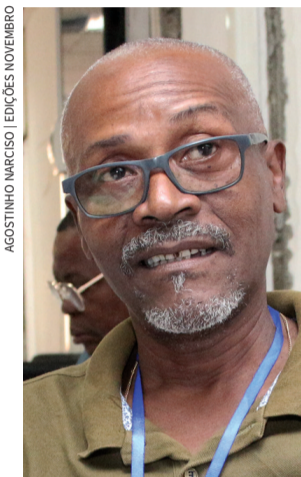
Kátia Ramos



Madalena José



Teresa Luís



Amândio Clemente

culdade que nos é criada pelas instituições, sobretudo do Estado, e algumas públicas, que inviabilizam esse direito à informação que o cidadão tem e porque eles têm a responsabilidade de prestar informação e não se trata de um favor. Há também, infelizmente, a dificuldade que os jornalistas encontram dentro das próprias empresas de comunicação. Porque as empresas são de grupos que têm os seus interesses, daí que seja muito discutida hoje no mundo do jornalismo a questão da imparcialidade, que é muito subjectiva hoje devido aos interesses que os grupos têm. Para que o jornalista passe determinada informação, depende muitas vezes, senão todas, daquilo que são os interesses dos donos dos jornais. Não é só o acesso às fontes que se tem revelado uma grande dificuldade, mas há depois essa também, em que se coloca a questão da imparcialidade. Se existe ou não existe. Ela deve existir porque o jornalista não deve ter nenhum interesse na matéria, mas ele tem emoções, o dono do jornal tem interesses e muitas vezes sente-se o jornalista indirectamente dentro do texto, ou o dono dos grupos, grandes jornais, também dentro do próprio texto. Então, é uma profissão extremamente difícil. Trabalho como jornalista há 20 anos, e no JA estou como repórter há 15 anos".

Kátia Ramos, 12 anos de casa

"Trabalho como repórter há 12 anos no JA. Difícil para mim, é sair para uma reportagem sem condições. E não falo só de condições laborais, mas também quanto às vias de acesso que dificultam muitas vezes

o nosso trabalho ou reportagem fora da cidade, lugares distantes. Em tempos, fui fazer uma reportagem na Sapu e, por causa do mau estado da estrada, o carro dançava e foi pior para a minha coluna. Outra grande dificuldade tem a ver com fontes de informação, que acham que devem ser mimadas para falar sobre alguma coisa. O direito à informação existe e deve ser respeitado. Essas são dificuldades que temos e que devem ser superadas para podermos ter um bom trabalho final. É bom que haja essa acessibilidade entre os jornalistas e as fontes. Que haja mais abertura das fontes e não deixem os jornalistas sem informação".

Teresa Luís, 10 anos de casa

"O mais difícil para mim, como jornalista, é o acesso às fontes de informação. Por exemplo, há matérias ou informações mais sensíveis e você tem de cruzar as fontes. Às vezes, de um lado, você tem acesso, do outro, já não tem. Quase sempre deparo-me com essa situação de decorrer do meu trabalho de recolha. De qualquer forma, há fontes que já têm uma certa confiança e conhecem o nosso trabalho. Sou jornalista há 10 anos no *Jornal de Angola*. Outro ponto que acho um grande desafio

"A maior dificuldade, não só para mim, mas acho para outros colegas, é o acesso às fontes de informação. As pessoas, instituições fecham-se em 'copas' e não dão informação. Algumas vezes até preferem dar a informação a órgãos de comunicação estrangeiros, ao invés de passar aos nacionais

para mim, onde tenho encontrado muitas dificuldades, é a superação pessoal. É importante e penso que devia ser também uma preocupação constante de cada profissional na área. O meu texto de há cinco anos seguramente não é o mesmo que o de hoje. Penso que deve haver essa preocupação constante, de melhorar cada vez mais a qualidade do nosso trabalho".

Amândio Clemente, 26 anos de casa

"A maior dificuldade, não só para mim, mas acho para outros colegas, é o acesso às fontes de informação. As pessoas, instituições fecham-se em 'copas' e não dão informação. Algumas vezes até preferem dar a informação a órgãos de comunicação estrangeiros, ao invés de passar aos nacionais. Na maior parte das vezes, as fontes abrem-se mais quando têm um interesse de divulgar algo que queiram fazer e ganhar alguma notoriedade com aquilo. No trabalho, queremos sempre fazer o melhor e nem sempre conseguimos. Às vezes, há falta de recursos que não são postos à nossa disposição para que possamos fazer bem e com todas as condições o trabalho. Tenho 26 anos de profissão, todos no *Jornal de Angola*, na editoria de Desporto. Como editor, levo pouco

tempo, mas nisso de editar já tenho muitos anos. Fui subeditor durante muitos anos, por aí 17 anos. E antes também já fazia esse trabalho por vontade própria e estimulado pelo meu ex-editor, Policarpo da Rosa, que me incentivou a aprender a fazer edição de páginas e isso foi muito útil quando fui nomeado a sub-editor.

Nesse campo, a grande dificuldade é lidar com textos mal elaborados. Existe também a dificuldade de encontrar uma boa foto, que ilustre bem os textos. Muitas vezes, não apresentamos o trabalho como pretendemos, porque há esses constrangimentos. De resto, são dificuldades e todas as pessoas têm".

Alberto Pegado, 27 anos de casa

"Nesses mais de 27 anos no *Jornal de Angola*, dos quais mais de 15 como editor, já trabalhei muitos textos. Desempenhei as mesmas funções em outras páginas. Hoje sou o Editor de Sociedade. A maior dificuldade como editor é, sobretudo, quando o repórter entrega um texto pouco claro. Muitas vezes, o repórter não está por perto para dissipar dúvidas e aí encontramos dificuldades sérias, porque não sabemos o que o repórter pretende dizer. Aqui somos obrigados a ouvir um ou outro órgão para percebermos exactamente o que se abordou nesse encontro. Às vezes tem sido difícil também quando o repórter vai ao terreno e ele próprio tem dúvida do que traz. Ai é que é o grande problema. Mas há casos, sobretudo aqueles de textos que trazem números, em que temos que estar seguros de que estão certos. Porque são os números que trazem muitas contradições".

■ FELICITAÇÕES DO MINISTÉRIO

Direcção e trabalhadores merecem reconhecimento

O **Ministério da Comunicação Social** felicita a direcção e o colectivo de trabalhadores da *Edições Novembro*, pelo 43º aniversário da empresa, que se assinala hoje, "num contexto de novos desafios aos quais têm, com renovado engajamento, dado resposta com brio e profissionalismo".

Numa nota, assinada pelo ministro João Melo, o Ministério da Comunicação Social "reconhece o empenho da direcção e trabalhadores na prestação de um serviço de interesse público e encoraja a forte aposta no fomento

da imprensa regional e local".

O Ministério aproveita a ocasião para realçar o papel que a *Edições Novembro* e os seus diferentes títulos, com destaque para o generalista "*Jornal de Angola*", têm jogado na sua missão de formar e informar o público angolano e em prol da construção de uma imprensa pluralista, rigorosa, responsável e comprometida com os valores da democracia.

A nota termina com as maiores felicitações aos profissionais e responsáveis da instituição.

MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Ministro da Comunicação Social, João Melo

■ REFERÊNCIA

SJA reconhece uma das escolas do jornalismo

O **Sindicato dos Jornalistas Angolanos (SJA)** saúda os jornalistas do *Jornal de Angola*, pela data, na expectativa de que o aniversário seja aproveitado para uma reflexão.

Ao longo dos 43 anos de existência, disse o secretário-geral do SJA, o *Jornal de Angola* tem sido uma das "escolas" de referência do jornalismo angolano. O Sindicato recorda, por exemplo, que a sua rubrica "Dossier" era um jornalismo de referência.

O Sindicato dos Jornalistas augura, por outro lado, que o *Jornal de Angola* possa dar

mais espaço às suas pautas jornalísticas e menos ao jornalismo administrativo, por nem sempre reflectir o quotidiano das cidades deste país. "É um jornalismo de promessas, que não raras vezes compromete o *Jornal de Angola*".

O Sindicato dos Jornalistas Angolanos augura, por fim, que o *Jornal de Angola* possa ser lido em todo o País nos próximos tempos, assim como possa ser menos condicionado politicamente, um dos grandes entraves que os profissionais desta casa enfrentam ao longo de toda a existência do Diário.

ANTÓNIO SOARES | EDIÇÕES NOVEMBRO



Teixeira Cândido, Secretário Geral do SJA